

VALE DO SILÊNCIO

O Enigma do Lago

VALE DO SILÊNCIO - O Enigma do Lago

EDUARDO BEGA

EDUARDO BEGA

Vale do Silêncio

O Enigma do Lago

EDUARDO BEGA

Publicado por: Eduardo Bega

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro — sem permissão prévia do autor.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.
Impressão sob demanda via Hotmart.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bega, Eduardo
Vale do silêncio / Eduardo Bega. –
São Paulo : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-65093-7

1. Ficção científica brasileira I. Título.

25-295406.0

CDD-B869.308762

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura brasileira
B869.308762

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Vale do Silêncio não é uma história de aliens ou OVNIS como se costuma imaginar. Claro que foi motivada também pelas tradicionais perguntas, que todos fazemos durante nossas vidas tipo: De onde viemos? Por que estamos aqui? Somos as únicas formas de vida nesse Universo?

Mas param por aí as comparações com as outras obras sobre o assunto. Aqui, você vai encontrar uma leitura leve, onde os sustos ficam por conta do clima de aventura, por conta da diversão.

O ritmo dos acontecimentos nos faz ficar ansiosos e presos na leitura. Cada leitor, com certeza, vai querer escrever as próximas páginas ou reescrever, com suas próprias teorias o que vem a seguir.

Luzes, cores, sons parecem sair das páginas, criando um pequeno filme.

O autor é um contador de histórias, que conserva a inventividade da sua criança interior, ao mesmo tempo que é um cidadão do Universo, que sempre imaginou um mundo sem fronteiras, o Cosmos sem fronteiras! Um adulto que não esqueceu o encanto de tudo que vem depois do “era uma vez”...

Boa diversão!

Fernanda Bega

Para minha esposa Fernanda Bega. Eu te amo!

Para meus filhos e netos.

... e, claro, pra minha gatinha que ficou aqui olhando eu escrever pacientemente.

Agradecimentos:

A minha esposa Fernanda, que não parou de me ouvir falar sobre este livro nem por um segundo até ele ficar pronto.

A todas as bobagens que ouvi ao longo da vida sobre alienígenas — e aos amigos que ouviram as minhas. No fim, tudo isso virou um livro.

Em memória do meu irmão, Claudio, que adorava o assunto. O amendoim e a cerveja acabavam bem antes das conversas.

Muito obrigado.

Sentem-se. Acomodem-se. Respirem fundo. A
história vai começar. Tudo o que existe... começa assim: **uma**
folha em branco

Vale do Silêncio

O Enigma do Lago

Capítulo 1

O Sussuro do Lago

A tarde de outono em Vale do Silêncio trazia aquele vento cortante típico de outubro, mas o que realmente gelou a pele de Tony Campana foram os murmúrios. Enquanto caminhava pela rua arborizada que ligava o laboratório de mecânica ao portão principal da universidade, ele notou os grupos de estudantes e professores se aglomerando e olhando para os seus celulares. Algo havia rompido a rotina pacata da cidade.

Tony diminuiu o passo, tentando captar o burburinho. Mais adiante, outros grupos, mais cochichos. E então, avistou Jorge, um de seus alunos. Aproximou-se.

— ...uma luz azulada, pulsante. Dessa vez não foi só no céu. No lago... — sussurrou uma estudante de moletom roxo, os olhos arregalados, mostrando seu aparelho.

— Fizeram um barulho infernal, tipo um zumbido que dói os ouvidos — disse outro rapaz, a voz tensa.

Tony seguiu em frente, a testa franzida. *Zumbido*? Aquilo cutucava uma memória incômoda. Dez anos atrás, o desaparecimento de Raymond havia sido associado a um som de abelhas gigantes. Coincidência? Ou o folclore da cidade estava se repetindo?

Mais adiante, sob uma árvore, Sarah Lence observava o céu. A bicicleta de quadro fino apoiada no quadril, os dedos tamborilando no guidão. O jaleco branco com o logo da universidade balançava ao vento, revelando uma camiseta de corrida por baixo. Três alunos apontavam para o lago à frente.



— Sarah! — Tony se aproximou, a voz carregada de urgência.

— O lago virou palco de novo. Viu os vídeos? Não foram só luzes. Objetos mergulharam no lago como se a água abrisse debaixo deles... Lembra do Raymond?

Ela se virou devagar, a irritação estampada no rosto.

— Sim, Tony. Me lembro.

Sarah balançou a cabeça, resignada. Já sabia onde aquilo ia dar. Despediu-se com um aceno seco, mas Tony a segurou pelo braço. Ela se desvencilhou. Tony insistiu.

— Sarah, o que está havendo?

— E o que você acha, Tony? Que os caras abduziram o Raymond e agora estão trazendo ele de volta? O blog dele ...

— como é mesmo? Ah, lembrei... **Manual da Terra!** ... tem posts praticamente toda semana, fala sobre aliens, lugares esquisitos. Ele sumiu daqui porque se aparecesse seu blog ia perder o encanto, a mágica. Raymond é pura lenda urbana. Associaram o desaparecimento de Raymond com aquela história de alguém que viu alguém sendo abduzido. Exceto Raymond, que “desapareceu” por motivos óbvios, ninguém mais desapareceu. Tony, era uma época de histeria coletiva. Nada foi provado!

Tony se afasta um pouco, pensativo.

A bicicleta de Sarah ganhou velocidade, deixando Tony parado, cheio de dúvidas e com o vento frio cortando o rosto.

Sarah pedalava firme, cortando as ruas da cidade. Estava ansiosa para falar com seu pai.

Chegou em casa. A porta lateral destrancou ao reconhecer sua presença. A casa era grande, silenciosa. Largou a bicicleta na entrada e seguiu apressada pelo piso ladrilhado que acompanhava a lateral da construção. Júlia, a secretária de seu pai, já a esperava na antessala da sala de reuniões.

— Seu pai está em reunião — disse com um sorriso profissional, mas os olhos denunciavam tensão.

— Acalme-se. Eles chegaram pelas 16 horas e estão até agora conversando.

— Eles voltaram, não é? — Sarah cortou o ar com a pergunta, a voz ecoando no corredor vazio.

Antes que Júlia respondesse, a porta se abriu. Victor Lence surgiu, rosto iluminado pela luz azulada de um objeto esférico numa base sobre a mesa de reuniões. Três homens de terno estavam logo atrás de seu pai, acenando com cordialidade.

— Sarah, entre — disse ele, a voz suave, mas os olhos evitando os dela. — Conheça nossos... parceiros.

A sala ainda tinha o cheiro do café forte. Ao centro, uma grande mesa oval, com poltronas de tecido bem confortáveis. No quadro atrás da mesa, uma paisagem surreal: montanhas cortantes sob um céu com duas luas. Uma delas parecia próxima demais. Cinco telas fixadas na parede, grandes de 43 polegadas, exibem alternadamente imagens do

pátio interno, salas internas e o fundo do lago, restos de um trilho de transporte e uma caçamba tombada no fundo.

Alguns peixes transitando por ali. A imagem é muito realista.

Sarah foi apresentada aos homens. Ralph, descontraído, a cumprimentou primeiro. Depois Carlos e Kevin. Todos sorriram, encerrando a reunião com formalidade ensaiada e saíram.

— O senhor precisa de mais alguma coisa? — perguntou Júlia, já se afastando.

— Não, Júlia. Está tudo bem. Pode ir.

Sarah se aproximou da mesa, o celular tremendo na mão.

— Pai, o lago está viralizando! — Ela jogou o aparelho sobre a mesa. Um vídeo rodava: três esferas azuis mergulhavam no **Lago do Silêncio** sem fazer um único respingo, deixando rastros luminosos que se dissolviam como fumaça.

Victor assistiu, os lábios curvando-se num quase-sorriso.

— Bacana. Tecnologia impressionante, não?

— Pai. Todo mundo viu isso. Eles não foram nada discretos!

Os olhos de Victor escureceram.

— Não aconteceu nada. São apenas luzes entrando no lago. E não vai acontecer de novo. Pelo menos até irem embora. Mas isso... pode demorar.

A janela atrás dele vibrou com o ronco de motores. As Mercedes pretas dos “parceiros” desapareciam pelo portão, escoltados por seguranças e funcionários. Ralph acenou mais uma vez para Sarah.

— Até breve, Sarah.

O portão se fechou com um estrondo metálico.

Victor colocou a mão no ombro da filha.

— Confie em mim. São nossos amigos...

Sarah engoliu a raiva. Lá fora, nas margens do **Lago do Silêncio**, as águas paradas começavam a borbulhar suavemente.

Capítulo 2

O Repórter e o Lago

Vale do Silêncio 21h30, dia do avistamento

Vicente Martins, repórter da conceituada TV Alvorada, já havia coberto de tudo: assaltos sangrentos, incêndios catastróficos, crimes que deixaram cidades inteiras em suspense. Mas, naquela noite, enquanto revirava uma garrafa de uísque vazia em seu apartamento, ele se via reduzido a uma piada.

Um erro grotesco durante a cobertura das Olimpíadas Universitárias — trocar o nome do prefeito duas vezes ao vivo — o enterrara no fundo do poço. Agora, às 21h30, o celular vibrou com a mensagem que confirmava sua queda: um áudio seco do chefe, Geraldo Antunes.

— Se arrume, Vicente. A van vai passar aí daqui a pouco. Você vai cobrir os avistamentos em Vale do Silêncio.

A voz de Geraldo era um misto de desdém e raiva.

Avistamentos. O código para “lixo jornalístico”. Vicente engoliu o orgulho e ligou para o chefe.

— Nove e meia da noite, Geraldo! Nove e meia!

— Quero você em Vale do Silêncio antes do amanhecer. E não me pergunte por que ainda te tolero aqui.

O clique da ligação encerrada ecoou como um tiro.

Vale do Silêncio – 8h15 da manhã

22 horas após o avistamento

A van da TV Alvorada estacionou na praça central, o logo da emissora estampado na lateral. Vicente saltou do carro com a postura rígida, enquanto os técnicos montavam as câmeras com a agilidade de quem já estava acostumado ao circo.

Do outro lado da rua, a padaria Oficina do Pão exalava aroma de café fresco, atraindo a equipe como um ímã. O auxiliar de produção, um novato de boné virado para trás, observava o hortifrutti ao lado.



Um cidadão puxou conversa com o ajudante do hortifrutti.

Serginho, o ajudante, era uma lenda local. Alto, magricela, e dono de histórias tão absurdas quanto sua fama de quase ter se afogado em trinta centímetros de água. Naquela manhã, enquanto empilhava laranjas com destreza, já estava no centro das atenções.

— ...e aí, Serginho, tudo bem? Foi no lago ontem?
Viu os OVNIIs?

Serginho ajustou o boné, os olhos fiscando, como quem segurava um segredo de estado.

— Ví sim. Eles desceram perto de mim. Umas dez naves. Cheguei a ver umas pessoas dentro da nave. Mergulharam no lago e desapareceram.

O auxiliar de produção arregalou os olhos. Vicente, que acabara de chegar, foi até a padaria encontrar a equipe. O rapaz da produção lhe contou a história que acabara de ouvir.

Vicente bufou.

— Isso é um porre. Total absurdo.
Mesmo assim, pediu para entrevistar o tal ajudante da quitanda.

Gravação – 8h30

Vicente respirou fundo. O microfone pesava como chumbo em sua mão. O produtor fez um sinal e a câmera piscou o rec vermelho. Lá estava ele, na beira do abismo jornalístico.

— Estamos em Vale do Silêncio, onde relatos de OVNIIs ressurgem após uma década. Será que os visitantes interestelares voltaram?

O plano cortou para Serginho. Vicente segurou o microfone na direção dele.

— Claro que voltaram. Eu vi. Eram muitas naves. Eu estava nadando no lago — disse, ignorando os 16 graus da manhã anterior. — Eles desceram rápido perto da margem, depois mergulharam no lago e desapareceram.

Serginho continuou, empolgado.

— Eles me viram também. Mergulhei para tentar ver onde iam. Devo ter ido a uns cem metros de profundidade. Lá embaixo vi umas estruturas, tipo trilhos iluminados, e uma construção com janelas de vidro. Ao lado, uma abertura por onde as naves entravam. Como se fosse uma estação espacial subaquática!

Vicente respirou fundo. Seu maxilar travado, os dedos apertando o microfone com força. *Isso é insano*. Interrompeu a gravação com um gesto brusco.

— Chega! — rugiu, puxando o auxiliar pelo braço. — Vocês querem me enterrar de vez?

Estressado e decepcionado, voltou para a van. A produção, no entanto, a pedido do chefe Geraldo, enviou a matéria.

Vicente, ainda fervendo, ligou para Geraldo.

— Geraldo, nessa cidade só tem loucos. Você me colocou num hospício!

— Isso não é problema meu, Vicente. Faça seu trabalho.

— Mas essa maluquice você quer colocar no ar??

A resposta veio fria como aço:

— E daí?

— Põe na escuta o pessoal da produção —
completou.

Vicente chamou a equipe.

— Maluquice ou não, vocês têm vinte minutos para
editar.

A ligação caiu.

Enquanto a equipe se dispersava, Vicente ficou parado por um instante. Olhava ao redor, meio perdido. O vento levantava folhas pela rua. *Dezesseis graus*, ele pensou. *Quem iria nadar nessa temperatura? O cara disse que mergulhou uns 100 metros??... aff.*

10h15 — Transmissão ao vivo

A entrevista de Serginho foi ao ar. A equipe de produção editou e logo após a chamada de Vicente, entrou o vídeo que viralizou nas redes. As TVs nas padarias, no comércio local e em todo lugar viram a cobertura do avistamento. No centro das atenções: o folclórico Serginho, agora expandindo suas bizarrices para o país inteiro.

Vicente estava na van, mas se recusou a assistir. Saiu andando pela praça, inquieto. Pensava em dar o troco ao chefe — mas com cuidado. *Não posso errar de novo.*

Pegou o celular. Abriu o navegador. *Tec tec tec.*
Digitou: “avistamento Vale do Silêncio”.

Logo abaixo, os vídeos que viralizaram. Três luzes brilhantes, azul intenso, mergulhavam no lago. A parte do vídeo que mostrava as luzes durava apenas 3,2 segundos — o suficiente para ver que elas entravam na água sem fazer um único respingo.

Vicente repetiu a cena várias vezes, sem entender o que via.

Outro vídeo também circulava, mas com menos detalhes. Ele encontrou o perfil de quem postou o original: **@Ssouza_Benja**. O perfil era fechado.

“Nunca estivemos sozinhos.” Se essa frase ressoou com você, envie-a por mensagem para o autor — ebeaga99@gmail.com — quero saber até onde você chegou.

Vicente enviou uma mensagem privada:

Olá, Ssouza_Benja. Tudo bem? Sou Vicente, da TV Alvorada. Gostaria de falar com você sobre o avistamento no lago. Aguardo seu retorno.

De volta à van, Vicente estava mais calmo. Concentrado. A equipe discutia os próximos passos da reportagem, sem contar com ele. Todos achavam que Vicente havia “morrido” profissionalmente depois do chilique diante das câmeras.

Estavam enganados.

O chefe vibrou com a reportagem. Editaram a parte final em que Vicente surtava. O resultado? Sucesso absoluto. Audiência alta. Faturamento com publicidade.

Restava agora continuar a cobertura.

Mais absurdos?

Geraldo não se importava. Ele só queria ver as pessoas contando suas histórias.

Universidade de Vale do Silêncio 12h15



Sarah Lence chegou ao refeitório ainda pensativa sobre as ocorrências, mas o olhar atento. Em seguida, Tony Campana apareceu, apressado, quase tropeçando nas cadeiras para alcançá-la. Não pediu licença. Eram amigos de longa data

Vale do Silêncio - O Enigma do Lago

Três luzes azuis mergulham num lago sem fazer barulho. A cidade entra em colapso. Um professor, uma cientista e um repórter descobrem que o mistério é mais profundo do que parece.

E se o lago não for só um lago?

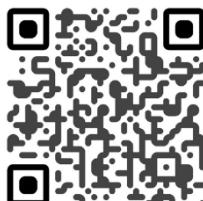
Gostou da amostra? A história está só começando.

Desvende o enigma do Lago do Silêncio e mergulhe em uma trama que desafia os limites da ciência, da coragem e do desconhecido — uma jornada capaz de transformar radicalmente sua percepção sobre o universo que nos cerca.

 **Adquira o livro físico :**

[Disponível agora na Hotmart]

<https://go.hotmart.com/H101782600S>



 **Prefere ler no ebook Kindle? ---**

<https://abre.ai/valesilencio>

Vale do Silêncio – O Enigma do Lago

Uma história que vai ecoar muito depois da última página.

VALE DO SILÊNCIO - O Enigma do Lago



Um lago profundo. Uma cidade inquieta. E um silêncio que grita por respostas.

Quando três luzes azuis mergulham no Lago do Silêncio sem fazer um único respingo, a pacata cidade mineira vira palco de teorias, memes e manchetes.

O que era lenda local vira trending topic. E o que era só folclore começa a parecer... real.

Tony Campana, um professor curioso demais para o próprio bem, e Sarah Lence, uma cientista que prefere ignorar o que não pode explicar, se veem arrastados para o centro de um mistério que envolve desaparecimentos antigos, vídeos impossíveis e visitantes que talvez nunca tenham ido embora.

Enquanto isso, Vicente Martins, um repórter desacreditado, é enviado para cobrir o “circo alienígena” — e acaba descobrindo que a história pode ser muito maior do que ele imaginava. Ou do que ele está pronto para aceitar.

Entre entrevistas absurdas, segredos enterrados e uma cidade que transforma o inexplicável em espetáculo, uma pergunta ecoa nas profundezas:

E se o Lago não for só um lago.

ISBN: 978-65-01-65093-7

9 786501 650937